

**Dados biográficos de Amélia Senhorinha Caldeira da Matta**

**Mamãe Amélia**



Autor

**Fernando da Matta Machado**

Este texto pode ser livremente reproduzido, parcial ou integralmente, por meio mecânico, digital ou por qualquer outro meio, desde que mencionada a autoria de Fernando da Matta Machado.

Sobre dados biográficos do autor ver site [www.fernandodamattamachado.com.br](http://www.fernandodamattamachado.com.br)

*Amélia Senhorinha, pais e irmãos*

Amélia Senhorinha Caldeira da Matta (nome de casada) nasceu a 21 de julho de 1830 e faleceu a 13 ou a 14 de outubro de 1914, vítima de infecção gripal, na sua residência na Rua de São Francisco, em Diamantina, Minas Gerais, aos 84 anos de idade. A [certidão de óbito](#) e o [jornal Minas Gerais de 16-10-1914](#) mencionam o falecimento a 13. Já o inventário consigna nas páginas [3](#), [9](#), [9-verso](#) que foi no dia 14. O sepultamento realizou-se em uma das gavetas da carneira da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, localizada na mesma rua da residência. O nome de solteira era Amélia Senhorinha Caldeira Brant.

No que diz respeito ao local de nascimento, as fontes históricas oscilam entre Diamantina e Datas, na época arraial, situado no caminho de Diamantina à cidade do Serro (MG).

A certidão de óbito que obtivemos em Diamantina no Registro Civil das Pessoas Naturais menciona que ela nasceu nessa cidade.

No seu testamento feito em Diamantina a 15-2-1897, Amélia Senhorinha declara: “[sou nascida e batizada na Freguesia desta Cidade](#)”.

A folha avulsa a respeito da solicitação de Amélia Senhorinha para ingresso na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Diamantina, consigna, textualmente: “Diz Amélia Senhorinha Caldeira da Matta filha do Sr. João Hermenegildo Caldeira já falecido e D. Senhorinha Angélica do Amor-Divino **nascida e batizada na Matriz desta cidade** (grifo nosso) que para melhor servir a Deus e salvar sua alma quer receber o santo hábito...”. A expressão “[nascida e batizada na Matriz desta cidade](#)”, embora redigida de forma ambígua, parece referir-se a Amélia Senhorinha e não à mãe dela Senhorinha Angélica. Salientamos que o texto antes transcrito, pela forma como está redigido e por não conter a assinatura de Amélia Senhorinha, parece não se tratar de um manuscrito original dela, mas tem o aspecto de texto de mão alheia.

Já o jornal *Minas Gerais*, Órgão Oficial dos Poderes do Estado, publicado em Belo Horizonte, ao noticiar o falecimento, diz que Amélia Senhorinha era natural do Arraial de Datas. Tendo em vista ser longo o texto da notícia e conter informações detalhadas que somente um membro da família muito próximo a Amélia Senhorinha poderia conhecer, presumimos que essa informação provavelmente teria sido dada àquele jornal por Pedro da Matta Machado, filho dela.

João da Matta Machado (22-02-1895 a 10-05-1985), neto de Amélia Senhorinha, no seu livro *Memórias* afirma que sua avó Amélia nasceu no Arraial de Datas.

Amélia Senhorinha era filha de João Hermenegildo Caldeira Brant e de sua esposa dona Senhorinha Angélica Caldeira. João Hermenegildo foi batizado na capela de Nossa Senhora da Penha de Minas Novas. Senhorinha Angélica nasceu e batizou-se na cidade de Diamantina. O batismo realizou-se na então Matriz de Santo Antônio do Tijucu. O pai de João Hermenegildo é João Caldeira

Brant e a mãe, Raimunda Maria de Assunção. Senhorinha Angélica Caldeira também usava o nome de Senhorinha Angélica do Amor-Divino, como se lê na solicitação que ela e o marido fizeram de [autorização para entrada na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo](#), em Diamantina, cujo ingresso ocorreu a 9 de fevereiro de 1830.

Conforme consta expressamente do testamento que Senhorinha Angélica fez em cartório no dia 29 de dezembro de 1879, seus pais, avós maternos de Amélia Senhorinha, foram José Félix Fernandes e Efigênia Genuína da Luz, já falecidos naquela data. O testamento registra que os filhos de Senhorinha Angélica, irmãos de Amélia Senhorinha, que continuavam ainda vivos em 29-12-1879, eram: Maria Angélica Caldeira, casada com Alexandre (também escrevia-se Alexandrino) de Almeida e Silva; João Evangelista Caldeira Brant (advogado) e Augusto Afonso Caldeira Brant.

Maria Angélica Caldeira foi madrinha de batismo de sua sobrinha Maria Amélia, filha de Amélia Senhorinha e de João da Matta Machado. Batizou-a em 2-5-1858, na Igreja de São Francisco, em Diamantina.

Os netos e os bisnetos chamavam Senhorinha Angélica de “Vovó Senhorinha”, não falavam avó ou bisavó.

No que diz respeito, especificamente, a prenome e a sobrenome, no período de que nos ocupamos, a primeira metade e parte da segunda metade do século XIX no Brasil, os nascidos não recebiam sobrenomes por ocasião do batismo. Os livros das paróquias citavam o prenome do batizado e os nomes do pai e da mãe. Somente após ser obrigatório o registro civil das pessoas naturais é que passou a ser consignado na certidão de nascimento o nome completo da pessoa, isto é, o prenome com o sobrenome da família. Todavia, antes disso, nenhuma lei determinava que alguém tivesse o nome completo (prenome mais sobrenome) imutável por toda a existência. Em consequência, podia mudar de nome por simples vontade pessoal. Em geral o sobrenome era o paterno, mas podia ser usado o da mãe, ou os dos avós paternos ou maternos, ou qualquer outro. Entre as mulheres havia o costume de adotarem sobrenomes de devoção da religião católica, a exemplo de: — da Luz, de Jesus, da Anunciação, da Conceição, do Amor-Divino. Somente na idade adulta, as pessoas, homens e mulheres, decidiam, baseadas no seu gosto, qual sobrenome adotariam.

Tendo esses usos e costumes em mente e voltando ao mencionado testamento de 29 de dezembro de 1879, somos levados a acreditar que o segundo sobrenome Brant não tinha ainda sido incorporado, como regra, ao nome total familiar, porque a testadora disse que o nome do marido era João Hermenegildo Caldeira, os dos filhos João Evangelista Caldeira e Augusto Afonso Caldeira. Ela não adiciona o sobrenome Brant nem ao marido nem aos filhos. Entretanto, considerando que o último filho citado consignou, no inventário, seu nome como Augusto Afonso Caldeira Brant, parece que o uso do segundo sobrenome Brant oscilava.

Outro irmão de Amélia Senhorinha, Teófilo Caldeira Brant, já havia falecido antes de 29-12-1879, conforme mencionado na folha 18 (dezoito) do inventário de Senhorinha Angélica Caldeira.

Amélia Senhorinha teve um irmão de nome Clarindo Caldeira Brant, que morreu muito moço, vítima da colerina, quando minerava nos campos do planalto do Guinda, localidade perto de Diamantina. Clarindo casou-se com Francisca Genuína Caldeira (conhecida familiarmente por Chiquinha). Era filha de João Batista de Mello Brandão e de Thereza Genuína da Luz Brandão. O irmão de Amélia Senhorinha, Augusto Afonso Caldeira Brant casou-se com Maria Augusta, irmã de Francisca. Portanto, dois irmãos de Amélia Senhorinha casaram-se com duas filhas de João Batista de Mello Brandão e de Thereza Genuína da Luz Brandão. Para entrelaçar mais os vínculos de parentesco: Thereza Genuína da Luz era filha de José Félix Fernandes. Logo, irmã de Senhorinha Angélica. O nome que Thereza escolheu para si foi Genuína e não Jesuína, conforme evidenciado em seu inventário que compulsamos.

No afamado livro memorialístico *Minha vida de menina*, que Alice Dayrell Caldeira Brant publicou sob o pseudônimo de Helena Morley, ela conta os amores de Francisca Genuína (personagem Dindinha) e Clarindo Caldeira Brant. Casaram-se por amor e viviam felizes nos lindos campos do Guinda. Clarindo trabalhando em sua lavra. Depois de dois anos, ele morreu de colerina e deixou uma filha de seis meses. Com cerca de um ano e meio de idade a filha morreu. Francisca ficou viúva aos vinte e dois anos e nunca mais casou. Augusto Afonso Caldeira Brant e Maria Augusta também figuram no livro como tio Conrado e tia Aurélia. A mãe de Alice Dayrell Caldeira Brant chamava-se Alexandrina Brandão Dayrell e era filha de João Batista de Mello Brandão e de Thereza Genuína da Luz Brandão. Thereza Genuína, avó de Alice Brant e tia de Amélia Senhorinha, é uma das personagens de maior destaque no livro com o nome de Dona Teodora. Em 2004, houve o lançamento do premiado filme *Vida de menina*, baseado no livro, e Thereza Genuína está também no filme retratada.

Augusto Afonso Caldeira Brant e Maria Augusta foram pais de Augusto Mário, Cícero Arpino, João Edmundo, Leônidas Bertino, José Aristides, Naná e Hilda.

Considerando que a prole costumava ser muito numerosa na família mineira do século XIX, é bastante provável que Amélia Senhorinha tenha tido outros irmãos e irmãs, além dos quatro irmãos e da irmã antes mencionados. Seis filhos apenas é número reduzido para aqueles tempos.

Folha avulsa com o título de “Genealogia de Pedro da Matta Machado (lado paterno)”, de autoria por nós desconhecida, — que sobreviveu no arquivo pessoal dos descendentes de Pedro da Matta Machado — menciona que seriam filhas de Senhorinha Angélica e irmãs de Amélia Senhorinha: — Senhorinha, Mariquinhas e Naná. Não temos certeza se se trata da mesma pessoa citada no texto anterior, mas aparece uma Senhorinha do Amor-Divino que foi madrinha de batismo de sua sobrinha Gabriela, filha de Amélia Senhorinha, no dia 7 de

novembro de 1852, batismo que se realizou na Igreja de São Francisco, em Diamantina. Quanto a Mariquinhas e Naná, pelos documentos até agora por nós compulsados, não identificamos essas irmãs.

João da Matta Machado, que nasceu em Diamantina a 22 de fevereiro de 1895, (filho de Pedro da Matta Machado e de Carlota Pereira da Silva), neto de Amélia Senhorinha, no livro *Memórias* narra que João Hermenegildo Caldeira Brant e, depois, Augusto Afonso Caldeira Brant, seu filho, foram proprietários da Chácara dos Coqueiros, em Diamantina. Descreve a propriedade como “Mansão de estilo colonial, possuía muitos quartos, salas, varandas, grande jardim à entrada e enorme quinta. Havia muitas árvores frutíferas, sobressaindo os altos coqueiros, que lhe davam o nome. Notava-se no centro do terreno grande tanque empedrado, o qual nas intensas chuvas se enchia ...”

Conta que vigiava a chácara um ex-escravo o Belaguarda, africano, parecia muito idoso, resmungão. Morava em um quarto pegado à cozinha. Certa vez, o João, filho do médico Dr. Alexandre, que residia próximo à Chácara dos Coqueiros, espancou o Belaguarda. Augusto Afonso Caldeira Brant moveu processo contra o agressor e, este foi condenado à prisão, mas escapou pelo indulto do presidente do Estado de Minas.

João da Matta Machado refere dois acontecimentos enigmáticos, que a tradição familiar guardou. Um, vivido pelo pai de Amélia Senhorinha, João Hermenegildo. Nas palavras do narrador: “Morava com sua família em Datas, perto de Diamantina, e andava preocupado com suas dificuldades financeiras e resolveu viajar para Diamantina a ver se conseguia arranjar dinheiro emprestado. Na véspera da viagem, sonhou que, de repente, apareceu-lhe no caminho um negro e lhe ofereceu valioso diamante e o vendeu a crédito. Contou o sonho à Vovó Senhorinha e montou na besta rumo à Cidade. Na estrada deserta, de súbito apareceu-lhe um preto e ofereceu-lhe uma rara pedra. O cavaleiro quase cai da mula, tomado de tamanho susto. Respondeu ao garimpeiro não poder comprar o diamante por estar sem dinheiro e se dirigia justamente a Diamantina para conseguir recursos monetários. O vendedor propôs-lhe a venda fiado e depois apareceria para receber o dinheiro. João Hermenegildo continuou sua viagem e na Cidade vendeu bem a pedra, mas o negro misterioso nunca mais apareceu.”

Continua contando: — “Outro fato inexplicável era relatado pela minha avó Amélia. Em certa viagem de seu marido apareceu-lhe em sonho um dos escravos da comitiva e lhe disse: “Eu não volto não, Sinhá. Eu morri de febre na Serra.” Quando o avô João da Matta voltou do Rio, ela notou logo a falta do cativo e lhe disse: “Já sei, o Fulano morreu de febre na viagem.” E era de fato o que havia acontecido.”

### *Moradia em Datas*

O livro *Quando a minha história conta a história de minha gente*, da autoria de Nárlisson de Jesus Martins e Marilda Simões Guedes, sobre a história

de Datas (MG), disse que Amélia Senhorinha teria nascido na “Casa da Horta, que se localizava na antiga Rua do Vento, hoje Rua Francisco Tameirão. Acredita-se que a casa tenha sido construída de forma estratégica naquele local, pois geograficamente, daquele ponto, era possível ver toda a margem do Ribeirão das Datas, uma das principais áreas de exploração de diamante”. Após análise de alguns registros, aqueles autores puderam afirmar que uma das primeiras famílias a fixar residência na Vila Datas Del Rey foi a de João Hermenegildo Caldeira Brant.

### *Nome*

No que diz respeito ao nome Amélia Senhorinha Caldeira da Matta, havia no século XIX e início do século XX entre as pessoas do sexo feminino da família Matta Machado, o costume de receberem ou adotarem, quando solteiras, como segundo prenome o primeiro nome da mãe; ao se casarem, costumavam tomar somente um dos sobrenomes do marido e manter apenas um dos sobrenomes do pai. Assim o “Senhorinha” decorre do prenome da mãe e os “Caldeira da Matta” referem-se ao sobrenome do pai e do marido, respectivamente. As filhas Maria Amélia e Virgínia Amélia, ao se casarem, escolheram o novo sobrenome usando exatamente o mesmo critério seguido pela mãe. A filha Gabriela passou a usar o sobrenome duplo do marido.

### *Casamento, marido e filhos*

Amélia Senhorinha casou-se a 16 de abril de 1849, em Datas, com João da Matta Machado, nascido a 8 de fevereiro de 1818 em Pouso Alto do Serro, hoje Presidente Kubitschek, Minas Gerais. A fim de se dedicar ao comércio de diamantes, fixou residência em Diamantina. Faleceu a 24 de abril de 1886. Filho de Lourenço da Silva Machado e de dona Bonifácia Joaquina de Figueiredo; neto de João da Silva Machado e de Ricarda Eufrásia de Jesus.

João da Matta Machado (22-02-1895 a 10-05-1985), neto de Amélia Senhorinha, fala no livro *Memórias* que “Os descendentes de João da Matta e Amélia Senhorinha não os chamavam de avô ou avó. Ele era o Papai Matta e ela a Mamãe Amélia. Nunca me falaram da origem de tão carinhoso tratamento, mas atribuo ter ele vindo dos primeiros netos, no caso os filhos de João, Gabriela e Augusto”. E continua “Do casal João da Matta–Amélia Senhorinha descende a hoje grande família Matta Machado de Minas, cujas raízes remontam a cidade mineira Diamantina. Assim, são todos parentes, ...” Disse aquele autor que o nome “Mamãe Amélia” é bem apropriado, por dela descenderem todos os Matta Machado.

Mamãe Amélia e Papai Matta tiveram oito filhos, nascidos todos em Diamantina, dos quais sete geraram a atual numerosa família Matta Machado: João da Matta Machado, Gabriela da Matta Corrêa Rabello, casada com o

advogado Francisco Corrêa Ferreira Rabello, Álvaro da Matta Machado, Augusto da Matta Machado, Maria Amélia da Matta Versiani, casada com o engenheiro Pedro José Versiani, Virgínia Amélia da Matta Figueiredo, casada com o médico João Antônio Lopes de Figueiredo, Pedro da Matta Machado e Amélia Senhorinha da Matta Machado, que faleceu solteira.

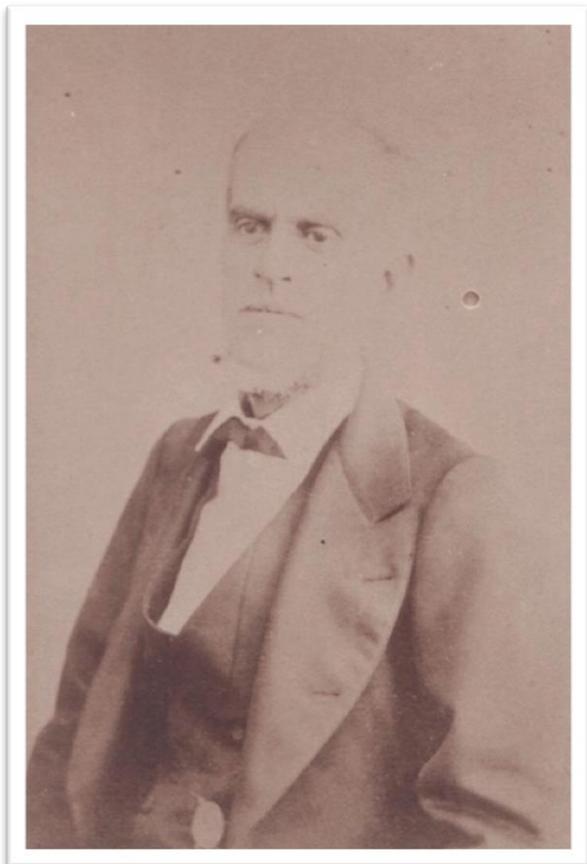
Portanto, Amélia Senhorinha é a fundadora da família Matta Machado.

O casal também criou Etelvina Machado, filha de Lourenço da Silva Machado Filho e de Nazareth Ávila e Silva. Portanto, sobrinha-neta de João da Matta Machado. Etelvina foi criada por eles desde pequena até o dia do seu casamento com o guarda-livros Joaquim Corrêa Saraiva.

Junto com o marido, Amélia Senhorinha empenhava-se na educação dos filhos. Fez que todos estudassem. Proporcionou-lhes a educação que a luta pela vida exigia na então nova sociedade industrial. Três filhos se formaram: João e Álvaro em Medicina; Pedro, em Direito. Augusto preferiu exercer a atividade comercial. Os maridos das três filhas, Gabriela, Virgínia e Maria Amélia, também concluíram o curso superior e eram, respectivamente, advogado, médico e engenheiro.

Naqueles anos da segunda metade do século XIX, era extremamente difícil para a família brasileira do interior conseguir que os filhos concluíssem uma faculdade. Empecilhos imensos surgiam com constância. João e Álvaro formaram-se no Rio de Janeiro; Pedro, em São Paulo. Os filhos, ainda adolescentes, afastavam-se dos pais, viajavam a cavalo para o Rio de Janeiro ou para São Paulo, com o objetivo de fazerem os preparatórios e depois ingressarem na faculdade. Normalmente, durante o período de estudo, moravam em repúblicas estudantis ou em casa de amigos dos pais. A formação superior criou a base indispensável para permitir que os brasileiros do interior, agora mais intelectualizados com os novos conhecimentos adquiridos nas faculdades, contribuíssem para mudar a vida econômica, social, política, cultural e ideológica do interior do Brasil. Podemos dizer com a lembrança no Poeta: — uma forte mãe faz forte os fortes filhos. Amélia Senhorinha tinha a capacidade racional e a energia emocional para criar varões que prestaram relevantes serviços à cidade e ao país.

De acordo com o texto datilografado de nome “Notas escritas pelo nosso avô paterno (cópia)”, isto é, escritas por João da Matta Machado, marido de Amélia Senhorinha, todos os filhos nasceram em Diamantina. Os filhos João, Gabriela e Álvaro viram a luz na casa da rua atrás da Igreja de Santo Antônio número 8. Já os filhos Augusto, Maria Amélia, Virgínia, Pedro e Amélia nasceram na casa da Rua de São Francisco.



fotografia de João da Matta Machado (Papai Matta)  
[8-2-1818 a 24-4-1886]  
Marido de Amélia Senhorinha Caldeira da Matta

### *Casa da Rua de São Francisco*

Daquele texto decorre que Mamãe Amélia e Papai Matta adquiriram a casa da Rua de São Francisco, em Diamantina, e para ela mudaram, no período compreendido entre as datas de nascimento de Álvaro e de Augusto, isto é, entre 18 de julho de 1853 e 29 de janeiro de 1855, casa que se tornou por muitos anos a residência da família. Essa casa somente foi vendida a 21 de dezembro de 1933.

Ali cresceu a primeira geração da família Matta Machado. Com o olhar fito nos tempos heroicos da família antiga, podemos chamá-la de “A casa da família Matta Machado”. Morreram nela o marido João da Matta Machado em 1886, o poeta simbolista Edgard da Matta Machado, neto de Amélia Senhorinha, em 1907, Amélia Senhorinha Caldeira da Matta em 1914 e Amélia Senhorinha da Matta Machado em 1916 .

Embora os documentos até agora examinados por nós não nos permitam ter certeza plena, é quase certo que a casa da Rua de São Francisco, pertencente a Amélia Senhorinha e ao esposo, é o mesmo imóvel que em 21 de dezembro de 1933 foi vendido por escritura pública lavrada no Livro de Escrituras nº 75, às folhas 159/161, do Cartório do 2º Ofício de Notas da cidade de Diamantina, do tabelião José Joviano de Aguiar. Os vendedores foram a viúva e os herdeiros de Álvaro da Matta Machado. Vendida por Rs 12:000\$000 (doze contos de réis),

pagos em dinheiro corrente. A venda está registrada no cartório de registro de imóveis da cidade de Diamantina.

As características e as confrontações da casa e do terreno são assim ali descritas: — uma casa de moradia, baixa e coberta de telhas, com pátio e quintal que tinha a área de 1.200 m<sup>2</sup> (mil e duzentos metros quadrados), situada na Rua de São Francisco, na cidade de Diamantina, com servidões de portões para a Rua de São Francisco e para o Beco dos Beréns, dividindo pelo lado esquerdo com terreno da casa de Antônio de Moura; pelo lado direito com terrenos das casas de Carlos Dinis Pinto e de Maria Jordelina; pelos fundos com o Beco dos Beréns e com terreno das casas de Gustavo Botelho, Maria Soares Lopes e Sebastião dos Santos Mourão; pela frente com a Rua de São Francisco, tendo nessa frente pátio lajeado e com grades de ferro, contendo o terreno árvores frutíferas. Adquirida por Thomaz de Aquino Pimenta, comerciante, residente em Diamantina.

Como se observa, a mencionada escritura de 1933 não cita número da casa naquela rua. Talvez não houvesse número.

João da Matta Machado, neto de Amélia Senhorinha, que nasceu em Diamantina a 22 de fevereiro de 1895, assíduo frequentador da casa de que tratamos, descreveu-a no seu livro *Memórias* da seguinte forma:

“O tradicional prédio da família possuía cômodos duplos. Logo à entrada, grande corredor atravessando a mansão e indo terminar aos fundos na ampla sala-de-jantar. À entrada desta, ao alto da parede, lia-se o dístico: 1864, em grandes algarismos. Explicava meu Pai que a casa fora reformada nas vésperas de seu nascimento e em fins do ano inscrito. Havia na frente duas salas de visitas sobre a Rua São Francisco e um único quarto com janela para a referida rua, o qual era destinado a hóspedes, mas por nós chamado "quarto do Edgard", pois aí viveu e morreu nosso primo, o poeta Edgard Matta. Do lado direito do corredor, viam-se quatro ou cinco quartos de dormir e ao lado oposto um quarto escuro, por ficar no centro da casa, só servindo para guardar objetos; uma saleta de jantar e um quarto grande de empregada, entre a despensa e a cozinha. Ao centro do casarão, havia um pequeno terreiro para clarear os cômodos. Ao lado direito, situava-se o grande terreiro de galinhas, onde também se prendiam os carneiros e os bezerros das vacas que forneciam leite. Ao fundo da casa encontrava-se o pomar. A cozinha dava saída para um pequeno terreiro, onde se via o chafariz, destinado a fornecer água para o serviço doméstico, inclusive a lavagem de roupa. Os avós ocuparam este prédio por volta dos anos de 1849 ou princípios de 1850, quando se casaram.” Quanto à data de ocupação do prédio, o narrador enganou-se. Vimos que foi entre 18-7-1853 e 29-1-1855.

### *Outros imóveis*

Amélia Senhorinha e o marido adquiriram casas na cidade. Nas vizinhanças, compraram a grande Chácara da Pulquéria. Em um lugarejo situado

nos arredores da cidade de Diamantina, fundaram uma fábrica de lapidação de diamantes e a este estabelecimento denominaram de Formação.

### *Participação em empresa*

Amélia Senhorinha não se dedicava apenas à administração doméstica, costume imposto pela repressora sociedade brasileira às senhoras da época, contra o qual uma ínfima minoria feminina, entre elas Amélia Senhorinha, teve a audácia de contrastar e vencer. Participou como acionista da constituição da Companhia Indústria e Comércio Norte de Minas.

Em 2 de maio de 1891, pelo Decreto nº 268, o presidente da República concedeu autorização à companhia para funcionar. A 10 de junho do mesmo ano, a sociedade anônima foi definitivamente organizada na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, onde ficava sua sede. Fundada pelo filho de Amélia Senhorinha, conselheiro João da Matta Machado.

Tinha programa grandioso, o campo de atividade era o nordeste de Minas (naquela época dizia-se norte para abranger o atual nordeste e outras áreas, vizinhas, do território mineiro). Estabeleceu filial na cidade de Diamantina. De acordo com o art. 3º dos estatutos a companhia objetivava promover o desenvolvimento da indústria e do comércio no nordeste do Estado de Minas Gerais, aproveitando os ricos e variados produtos naturais e propondo-se a atividades de diversas naturezas. Entre outras, explorar a mineração de ouro e de diamantes nas lavras do Cabral, no município de Jequitaiá (MG).

Da sua criação tomaram parte, na composição acionária, onze instituições bancárias e financeiras, além de pessoas representativas dos mais importantes setores da vida brasileira, a exemplo de: Rui Barbosa, Conselheiro Mayrink (na época o homem mais rico do Brasil), Barão do Alto Mearim, Amaro Cavalcanti, João Leopoldo Modesto Leal, Honório Augusto Ribeiro. Tiveram também participação acionária, os quatro irmãos Matta Machado, João, Álvaro, Augusto e Pedro.

A Companhia Indústria e Comércio Norte de Minas foi fundada por 66 acionistas. Deste total, apenas duas senhoras eram acionistas e participaram da constituição: Amélia Senhorinha Caldeira da Matta e Maria Salomé de Jesus. Se por um lado, isso espelha a pouquíssima atuação feminina na vida econômica e financeira do Brasil do final do século XIX, por outro lado, ressalta e valoriza a personalidade vigorosa e atuante de Amélia Senhorinha.

### *Participação em sociedade abolicionista*

O jornal *O Jequitinhonha* publicou que a Sociedade Protetora de Nossa Senhora das Mercês, sob a presidência de José Ferreira de Andrade Brant, em reunião do dia 15 de agosto de 1870 havia comunicado que Amélia Senhorinha Caldeira da Matta concedeu a liberdade a sua escrava Margarida de 5 anos de

idade, obrigando-se a educá-la e a tratá-la até a idade de 18 anos. A sociedade fora fundada havia pouco mais de um mês, compunham-na 65 sócios, mas com tendência a crescer o número de associados.

### *Participação em ordens católicas*

Em Diamantina, pertenceu à Ordem Terceira de São Francisco de Assis e à Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. [Nesta última, ingressou no dia 17 de julho de 1870.](#)

### *Testamento*

Amélia Senhorinha fez [o testamento](#) no dia 15 de fevereiro de 1897, em Diamantina, Minas Gerais. Ditou-o para o tabelião Antônio Augusto Ribeiro Leão. Ele o escreveu à mão, e ela assinou.

Os testamentos em Diamantina e no Brasil no final do século XIX ainda conservavam, essencialmente, a natureza espiritual, em virtude da tradição secular dos católicos de manifestar a última vontade visando, em primeiro lugar, a salvação da alma, a busca do céu. Complementarmente, continham legados econômicos e financeiros.

Fez o testamento sob a espécie cerrado, também denominado secreto. Testamento cerrado é o escrito pelo testador, ou por outra pessoa a seu pedido, acompanhado do auto ou instrumento de aprovação pelo tabelião. Contém as disposições de última vontade sobre assuntos de natureza espiritual e material. Pode conter desejos e declarações de natureza pessoal, nomear herdeiros ou legatários. As disposições valerão somente para depois da morte da testadora. Era o mais praticado no Brasil. Depois de aprovado e cerrado, o tabelião o entregava à testadora. Por ter caráter sigiloso, os familiares e amigos não tomavam conhecimento do conteúdo. Com a finalidade de garantir o sigilo do conteúdo, [o testamento dela foi fechado e cosido com cinco pontos de linha preta dobrada e lacrado com cinco pingos de lacre vermelho de ambos os lados](#) pelo tabelião.

No testamento, Amélia Senhorinha declara que professava a religião católica, apostólica e romana; que nasceu e foi batizada na freguesia da cidade de Diamantina; que era filha legítima de João Hermenegildo Caldeira e Senhorinha Angélica do Amor-Divino. (A mãe também se automeava Senhorinha Angélica Caldeira). Indica o nome do marido, dos filhos e das filhas.

Como só podia testar a terça parte dos bens, deixou essa parcela para a filha Amélia. Esta tinha direito de receber também a porção reservada por lei aos herdeiros necessários denominada legítima. A testadora disse desejar que o pagamento fosse feito em ações do Banco Rural e Hipotecário.

Legou à afilhada Maria Jordelina da Silva, que morava em sua companhia, a quantia de Rs 100\$000 (cem mil-réis) e mais o usufruto de uma casa no Beco

dos Beréns, a qual deveria passar depois da morte de Maria Jordelina ao domínio dos herdeiros da testadora.

Manifestou o desejo de ser sepultada na Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e de ser carregada pelos irmãos da mesma Ordem. Queria seu enterro de dia, sem música e sem pompa alguma. O testamenteiro deveria mandar celebrar dez missas pela alma dela, cinco pela dos pais, cinco pela dos irmãos, cinco pela do marido e distribuir Rs 100\$000 (cem mil-réis) em esmolas de 1\$000 (um mil-réis) pelos pobres da cidade.

Nomeou para testamenteiros os filhos João, Álvaro, Augusto e Pedro, nessa ordem.

De acordo com a lei que regia a matéria, o testamento cerrado tinha que ser aprovado pelo tabelião e depois devolvido, fechado e lacrado, à testadora. Para fins da aprovação, Amélia Senhorinha entregou a folha de papel com as disposições testamentárias por ela assinadas e declarou que aquele era o seu testamento bom, firme e valioso.

A norma legal exigia a presença de cinco testemunhas. Essas manifestaram a convicção de que Amélia Senhorinha estava sã, em perfeito juízo e claro entendimento. Não tomavam conhecimento do conteúdo, mas testemunhavam a redação do instrumento de aprovação, iniciada no final das disposições testamentárias, e a devolução do documento à testadora, além de assinarem o instrumento de aprovação junto com o tabelião.

As características do testamento cerrado, a finalidade espiritual e econômica nos permitem inferir alguns aspectos das relações entre a testadora e as testemunhas. As testemunhas são, de regra, pessoas amigas e da inteira confiança da testadora. Uma das testemunhas será encarregada de apanhar o testamento na residência da testadora para, após a morte dela, entregá-lo pessoalmente ao juiz de direito da cidade, pois somente a ele competia abri-lo.

As testemunhas foram Carlos Alves Ferreira Prado, João José Dias, Antônio Augusto Machado, Adrião da Silva Machado e Juvenato Damasceno Milanez.

Antônio Augusto Machado e Adrião da Silva Machado eram filhos de Lourenço da Silva Machado Filho, este, irmão mais novo do marido de Amélia Senhorinha. Portanto, sobrinhos do marido de Amélia Senhorinha e sobrinhos dela por afinidade. O marido morreu a 24 de abril de 1886 e o testamento fez-se a 15 de fevereiro de 1897, mais de dez anos depois. Embora decorrido tanto tempo, os sobrinhos por afinidade continuavam unidos a Amélia Senhorinha por forte vínculo de parentesco, de amizade e de confiança. Isso mostra o que já se sabe: — a família nuclear constituída exclusivamente pelo marido, esposa e filho é recente no Brasil. No século XIX, a família tinha amplitude muito maior. Abrangia os agregados, os achegados, os protegidos, os ex-escravos.

Juvenato Damasceno Milanez foi encarregado por Amélia Senhorinha de entregar ao juiz de direito o testamento dela, após a morte. Era pessoa de sua total confiança. Além disso, mantinha vínculos financeiros e pessoais com a

família Matta Machado. Na qualidade de acionista, participou da fundação da Companhia Indústria e Comércio Norte de Minas, da qual já falamos, constituída sobretudo por João da Matta Machado, filho de Amélia Senhorinha.

Em 14 de outubro de 1914, o juiz de direito da comarca de Diamantina, Antônio Augusto de Ataíde, abriu o testamento deixado por Amélia Senhorinha. Recebeu-o das mãos de Juvenato Damasceno Milanez, que fora testemunha em 15 de fevereiro de 1897, mais de 17 anos antes, evidência de que a amizade e a confiança duraram por esse longo tempo (páginas 6 e 6-verso do inventário de Amélia Senhorinha).

A 18 de março de 1915, Álvaro da Matta Machado, na qualidade de primeiro testamenteiro, aceitou a testamentaria e se comprometeu a ser o fiel executor das disposições de última vontade contidas no testamento da mãe (página 7 do inventário). Em seguida, começava o inventário objetivando a consequente partilha dos bens.

### *Liderança social*

Pela tradição oral familiar, Mamãe Amélia era de temperamento forte, firme, de posições definidas mesmo quando se opunha à vontade de pessoas por ela muito amadas.

Parece-nos que exercia acentuada liderança não só no grupo familiar mas também em outros grupos sociais.

### *Explicação e agradecimento*

Convém dizer que o autor deste texto, Fernando da Matta Machado, é filho de João da Matta Machado e de Alzira Versiani. O pai de João foi Pedro da Matta Machado, este filho de João da Matta Machado e de Amélia Senhorinha Caldeira da Matta. A mãe de Alzira Versiani era Maria Amélia da Matta Machado (nome de solteira), filha de João da Matta Machado e de Amélia Senhorinha Caldeira da Matta. João casou com sua prima Alzira. Portanto, o autor destes dados biográficos é bisneto de Amélia Senhorinha pelo lado paterno e também pelo lado materno.

Agradeço a Renato Alves Pereira, bisneto de Amélia Senhorinha e meu primo, por me ter disponibilizado documentos da história da família pertencentes ao seu arquivo pessoal, documentos que ajudaram a compor este perfil biográfico.

Rio de Janeiro (RJ), Brasil, 16 de julho de 2014

**Fernando da Matta Machado**

Autor

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### BIBLIOTECA

Biblioteca Antônio Torres. Diamantina (MG). *Testamento*. 1897, 11 p. Testadora: Amélia Senhorinha Caldeira da Matta. Testamenteiros: Álvaro da Matta Machado et al. Maço nº 92. Cartório: 1º Ofício.

Biblioteca Antônio Torres. Diamantina (MG). *Testamento*. 1897, Testadora: Amélia Senhorinha Caldeira da Matta. *In: Biblioteca Antônio Torres. Inventário. 1915. Inventariada: Amélia Senhorinha Caldeira da Matta. Traslado do testamento de 1897 incluso no processo de inventário.* p. 5-7v. Maço nº 83-A.

Biblioteca Antônio Torres. Diamantina (MG). *Inventário*. 1915. Inventariada: Amélia Senhorinha Caldeira da Matta. Inventariante: Álvaro da Matta Machado. Maço nº 83-A. Cartório: 2º Ofício. p. 3, 6, 6v, 7, 8, 9 e 9v.

Biblioteca Antônio Torres. Diamantina (MG). *Inventário*. 1882, 186 p. Inventariada: Senhorinha Angélica Caldeira. Inventariante: Alexandre de Almeida e Silva. Maço 231. Cartório: 2º Ofício. p. 7v, 8 e 18.

Biblioteca Antônio Torres. Diamantina (MG). *João Hermenegildo Caldeira Brant e Senhorinha Angélica do Amor-Divino [ou Senhorinha Angélica Caldeira]*. Entrada na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo em 9 de fevereiro de 1830.

Biblioteca Antônio Torres. Diamantina (MG). *Amélia Senhorinha Caldeira*. Solicitação de entrada na Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Ingresso efetivo em 17 de julho de 1870.

### LIVROS

Matta Machado, João. *Memórias*. Livro organizado por Fernando da Matta Machado. Rio de Janeiro: [s.n.], 1995. 128 p. p. 15-16, 58, 63-64, 67, 111-113.

Martins, Nárlisson de Jesus, Guedes, Marilda Simões. *Quando a minha história conta a história de minha gente*. São Paulo: All Print Editora, 2012. 75 p. p. 38, 41, 45-49.

Corrêa Rabello, Edésia. *Lá em casa era assim...* Belo Horizonte: Edição Siderosiana, 1964. 160 p. p.130-131.

Morley, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. 335 p. p. 294-295.

Costa, Joaquim Ribeiro. *Toponímia de Minas Gerais*. 2. ed. rev. e at. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1997. 478 p. p. 181.

## JORNAIS

*Notas sociais. Falecimento*. Minas Gerais. Órgão Oficial dos Poderes do Estado, ano XXIII, nº 247, 16 out. 1914. p. 5, c. 3.

*D. Amélia Senhorinha Caldeira da Matta*. A Estrella Polar, Diamantina, ano XII, nº 42, 18 out. 1914. p. 2, c. 4.

## DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

*Companhia Indústria e Comércio Norte de Minas*. Estatutos. Decreto nº 268, de 2 de maio de 1891. Diário Oficial da União, ano XXX, nº 126, 13 maio 1891. p. 2.034-2.036.

*Companhia Indústria e Comércio Norte de Minas*. Relatório apresentado pela diretoria aos acionistas em 29 de julho de 1895. Diário Oficial da União, ano XXXIV, nº 204, 30 jul. 1895. p. 5.959-5.960.

## SITES NA INTERNET

*Amélia Senhorinha Caldeira Brant*. Site NossaGente.

Disponível em:

<<http://www.nggenealogia.com.br/tree/individual.php?pid=I640>>

Acesso em: 05 jun 2014.

Carvalho, Gilberto de Abreu Sodré. *A tomada de nomes em Portugal e no Brasil*.

Disponível em:

<<http://www.portalentretextos.com.br/noticias/a-tomada-de-nomes-em-portugal-e-no-brasil,1843.html>>

Acesso em: 6 jun 2014

## ARQUIVO FAMILIAR

[Matta Machado, João da]. *Notas escritas pelo nosso avô paterno (cópia)*. [Duas folhas avulsas].

## DIVERSOS

*Amélia Senhorinha Caldeira da Matta*. *Certidão de óbito*. Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, Diamantina (MG). 10 mar 2014.